

A Bioética frente ao irracionalismo na pós-modernidade

Enídio Ilário

Este ensaio de antropologia filosófica busca analisar os discursos hegemônicos contemporâneos, frequentemente impregnados de niilismo oculto por detrás de um discurso de crítica ao Humanismo. Os discursos dominantes realimentam a atitude provisória e fatalista, fertilizam o campo do absolutismo mercadológico e produzem indivíduos fascinados somente por miçangas e quinquilharias tecnológicas. O desenraizamento cultural cria as pré-condições para uma gravíssima crise de valores da qual vicejam concepções marcadas pelo relativismo ético. Nessa análise crítica, procurei evidenciar que o discurso de reação ao mecanicismo, no mais das vezes, é de forte conteúdo irracionalista e tributário do sentimento de estranhamento e de nostalgia das certezas instintivas da pura interioridade do homem. Esse homem, vítima de titânico cabo-de-guerra, deve lutar para preservar a sua liberdade pessoal e integridade psíquica. No entanto, não é necessariamente ao destino fáustico ou ao ocaso da civilização que o homem está fadado; há sempre a possibilidade de se traçar um caminho seguro para a compreensão do fenômeno humano através de uma atitude que se contraponha, no campo da Bioética, a essa tendência devastadora de esvaziamento ontológico do homem.



Enídio Ilário

Médico e psicoterapeuta; pós-graduado em Filosofia da Ética; pesquisador do CNPq; consultor da OPAS; conselheiro e membro da Câmara Técnica de Bioética e da Comissão de Pesquisa em Ética Médica do CREMESP

Unitermos: Bioética, irracionalismo, niilismo, cosmovisões, pós-modernidade

"Desses tempos em que falar de árvores é quase um crime, pois implica em silenciar sobre tantos erros - aos que virão depois de mim."

B. Brecht

INTRODUÇÃO

A imagem de homem é condicionada e condiciona, de uma forma ou outra, as ações praticadas na quase totalidade dos campos do conhecimento humano. Definem-se a partir dessas imagens as prioridades na política, na economia e nas ciências. Tal realidade, transposta para a reflexão bioética, implica em enorme responsabilidade

pois é em seu campo que, na atualidade, se travam as mais ferozes e significativas batalhas para definir a imagem hegemônica de ser humano.

Ao reconhecer na reflexão bioética a presença de um conflito epistemológico de duas correntes principais: a cosmoteocêntrica e a antropocêntrica, o bioeticista nada mais faz do que retomar os velhos debates da antropologia filosófica, dessa forma submetendo-se às seguintes questões já formuladas por Kant na introdução à *Lógica*: 1) Que posso saber? 2) Que devo fazer? 3) Que posso esperar? 4) O que é o homem?

Nesta ótica, os debates e os embates na Bioética travam-se essencialmente entre duas correntes: a dos materialistas, por um lado, e a dos espiritualistas, por outro. Entre os pensadores materialistas, aqui reunidos como basicamente antropocêntricos, encontra-se Jacques Monod que em seu ensaio intitulado *O acaso e a necessidade* reduz o homem ao aspecto essencialmente biológico. Eis a sua tese: "Apenas o acaso é a origem de cada novidade, de cada criação da biosfera. O acaso puro, apenas o acaso, a liberdade absoluta, mas cega, para a raiz própria do prodigioso edifício da evolução: hoje essa noção central da biologia não é mais uma hipótese entre muitas possíveis ou, pelo menos, concebíveis enquanto é a única compatível com a realidade, a qual nela mostram a observação e a experiência".

Acerca da mesma questão, Teilhard de Chardin apresenta uma visão completamente diferente:

"O Tenteio, essa arma específica e invencível de toda multidão em expansão. O Tenteio, em que se combinam tão curiosamente a fantasia cega dos grandes números e a orientação precisa rumo a um alvo pretendido. O Tenteio, que não é somente o Acaso, com o qual se quis confundi-lo, mas um Acaso dirigido"(1).

Estas concepções antitéticas são bastante instigantes e úteis como ponto de partida para aprofundar a reflexão acerca das tendências ensejadas nos discursos da pós-modernidade e determinam um fértil território para o estudo sobre as imagens de homem que estão nitidamente associadas às visões de mundo presentes em nosso tempo. As cosmovisões, visões de mundo ou ainda mundividência, como o termo passou a ser empregado na filosofia contemporânea, encontra sua origem em duas vertentes: o historicismo de Dilthey e a fenomenologia de Husserl. A cosmovisão pode ser estudada sob o prisma histórico-cultural, como forma de pensamento ou, ainda, no campo da psicologia, na formação psicológica do homem. O filósofo e médico K. Jaspers dá especial importância às duas últimas formas, ao centrar na visão de mundo a dimensão maior da experiência do ser.

As cosmovisões na pós-modernidade

Em nossos tempos, delineia-se uma espécie de aliança antropocósmica na qual se desenham teorias, algumas de caráter científico, outras de inconfundível feição mítica, que guardam em

comum o distanciamento da visão de mundo iluminista. Particularmente no chamado holismo, delineia-se uma cosmovisão onde o foco das preocupações é o planeta Terra, a grande mãe Gaia – e aí o holismo vem propor, como meio para evitar o extermínio da humanidade, a substituição do mecanicismo por uma espécie de retorno aos valores tribais, num verdadeiro culto e resacralização da natureza(2).

Há de se problematizar, nestas espécies de utopias pós-modernas, o papel da liberdade, posto que esta parece ser de pronto repudiada na medida em que as explicações para as ações humanas encontram amparo apenas nas soluções deterministas, sejam elas teológicas, fisiológicas, mitológicas, psicológicas ou sociológicas.

No chamado determinismo de vertente irracionalista, no limite, o papel da humanidade encontra fascinante analogia com o microbiológico, inserindo-se nessa reflexão a concepção do planeta Terra como macrorganismo, concepção popularizada pelo biólogo inglês James Lovelock(3). Passa o homem a ocupar o papel de microrganismo e mesmo ainda, como que celular constituinte, parte integrante do macrorganismo. O homem civilizado ganha então estatuto de mutação maligna, espécie de "*homo neoplasticus*"; invasivo e destrutivo em relação ao organismo-mãe. Qual a solução? O retorno às origens, à condição primal e harmoniosa, exemplificada pelas culturas estagnadas e que não interferem no meio ambiente.

Os povos indígenas constituiriam, assim, as células normais e seria premente que se empre-

endesse um "retorno terapêutico" pois o organismo, até então nutriente, começa a ativar os seus humores. É o seu sistema imunológico que atua quando a água envenena, a atmosfera deixa de reter as mortais radiações, o ar asfixia e, por último e de forma mais dramática, as epidemias dizimam milhões. Mas a batalha está sendo perdida, o macrorganismo está morrendo e com ele todas as suas células (e tal não se dá também com o homem?).

Deparamo-nos até aqui com a "teologia holística" que nos ameaça, de forma maniqueísta, com a outra opção que é o mecanicismo luciferiano, com o seu inferno movido a aterrorizantes engrenagens de máquinas a torturar os transgressores. Neste ponto, é prudente esclarecer que não se pretende nesse breve ensaio fazer a apologia do humanismo, muito menos em sua forma conceitual caricaturada de mecanicismo – isto bem se perceberá se a devida atenção for dada à crítica aqui feita aos excessos representados, entre outros, pelo consumismo e pela massificação do ser humano. Para isso vale citar David Ehrenfeld que, em seu brilhante ensaio *Arrogância do humanismo*, contrapõe a terrível realidade da condição humana à fé cega da razão na ciência e tecnologia(4).

Pós-modernidade, ideologia e valores

Hoje, mais do que em qualquer época, é possível notar uma generalização da preocupação com o meio-ambiente. O tema passa a constar

regularmente das mais importantes conferências políticas e econômicas, estando presente nas agendas dos mais poderosos governos do planeta e adquirindo características progressivamente de fenômeno de massa.

As tendências detectadas apontam o ambientalismo, ao lado das questões envolvendo o tráfico, como sucedâneo pós-Guerra-Fria para os tradicionais fantasmas ideológicos. Imaginam os apologistas do "fim da história", do pós-moderno, da "sociedade pós-industrial", que reduzindo a imagem do homem à de um filhote rebelde da "mãe Terra" possam eximir de culpa o sistema gerador de tantas desigualdades sociais. Para isso, passa-se a culpar o mecanicismo, bode expiatório do momento e que já sai de moda como se não fosse esse um subproduto do modo de organização política e social do homem(5).

Compreende-se, dessa forma, como tais ideólogos reduzem a razão (*ratio*) ao mecanicismo e, daí, como empreendem combate a esse "temível inimigo". Enquanto isso, as florestas são devastadas para alimentar um mercado mundial ávido por mogno ou por animais exóticos e suas peles e, ao mesmo tempo, com suprema hipocrisia, produzem-se mais e mais produtos de consumo com o rótulo verde, de tal modo que fica assim preservada a força motriz do sistema – no entanto, sob a forma de um consumismo "ecologicamente correto". Talvez as futuras guerras produzam armas ecologicamente corretas, capazes de "tão-somente" matar o homem; estará poupada a natureza. E a bomba de nêutrons não terá sido disso um simulacro? (6).

Conclusão

Pelo até agora exposto, torna-se claro o quanto os discursos da pós-modernidade se prestam à manipulação e, como questão ideológica, podem ser instrumentos de alienação. Uma cortina de fumaça a ocultar os verdadeiros determinantes do processo de desumanização do homem e da deterioração do meio-ambiente. Tais determinantes são representados, em especial, por um modo de produção que, apesar dos discursos, é essencialmente tributário de Taylor e Ford e não, como querem esses ideólogos, de Descartes e Bacon(7).

Por sua vez, o consumismo é maximizado por um mercado global composto de indivíduos massificados e fascinados por miçangas e quinquilharias tecnológicas, mercado engendrado e síntese de um liberalismo extremado. É esse liberalismo o agravante das crescentes desigualdades sociais e desenraizamentos culturais que criam as pré-condições de uma gravíssima crise de valores. Desse contexto vicejam concepções marcadas pelo relativismo ético, uma das marcas da pós-modernidade e expressão de um acirrado darwinismo social que faculta a utilização e descarte das pessoas com a mesma facilidade com que se descartam as embalagens da produção massiva(8).

Outra vertente onde as concepções de cunho reducionista e niilista se manifestam com força na atualidade é na Filosofia, onde teóricos da "esfera histórico-social do desejo", aparentemente desiludidos com as utopias marxistas-positivistas, enveredam por um imanen-

tismo que no mais das vezes pode ser classificado como uma espécie de movimento pendular de retorno da utopia socialista à "utopia" nietzschiniana, a moral do super-homem(9).

Tais pensadores são invocados como fundadores de uma "nova ordem", por correntes de psicólogos ecléticos (pós-psicanalistas), eficientes comunicadores e apologistas, entre outras, da "ecologia-profunda", da "deusa Terra", do "ecofeminismo", da "conspiração aquariana" e do "Eu Superior". Esses porta-vozes das "boas-novas", tais como o "Despertar da Terra", o "Cérebro Global" e a "Cibionta", com discursos repletos de alusões a uma "espiritualidade humana" despida de real transcendência, "profetas" da felicidade *high-tec* da saúde e do corpo perfeitos, encarnam o papel de ideólogos do "mercado global", síntese do panteísmo pós-moderno(10).

Pelejam, ainda que sem muita clareza de suas posições, por uma espécie de retrocesso do "estado moral" da humanidade para o "estado físico" – como classifica Hegel os momentos do desenvolvimento humano(11). Dessa forma, torna-se mais evidente por quais caminhos, construções teóricas extremamente sedutoras mas que em geral refletem mitologias obscurantistas, se prestam à massificação e não à libertação do ser humano, desse ser que é pessoa humana(12). De outro modo, não há como fugir do enorme risco de ceder à

tentação do modismo e desembocar nos sucedâneos contemporâneos que podem ser classificados como mitos pós-metafísicos em sua maioria redutíveis, no campo da Bioética, ao relativismo ético, explícito no fenômeno concomitante de resacralização da natureza e des-sacralização da vida humana(13).

Importa estar atento, também no campo da Bioética, para se evitar que a agressão contra o espírito não venha a se desenvolver numa regressão ao obscurantismo. A ferramenta do homem é a razão, jogá-la fora é negação de sua vocação essencial. No entanto, para isso, paga o homem pesado tributo através do estranhamento, do deslocamento e da nostalgia das certezas instintivas da pura interioridade. Vítima do titânico cabo-de-guerra deve lutar contra o animal, mesmo, muitas vezes, às custas de sua "sanidade" e de graves erros no existir, tanto como indivíduo quanto como cultura(14).

Dessa forma, somente a partir de uma reflexão bioética que contemple a dimensão propriamente humana, verdadeira fonte de sua essencial autonomia, será possível traçar um caminho seguro para a compreensão do fenômeno humano(15). Há urgente necessidade de reflexão consistente que faça da razão fundamento e possa se contrapor, no campo da Bioética, à devastadora tendência, subjacente à pós-modernidade, de dissolver o homem no todo que nada é.

RESUME

La Bioética frente al irracionalismo en la posmodernidad

Ese ensayo de antropología filosófica pretende analizar los discursos hegemónicos contemporáneos, frecuentemente impregnados de nihilismo oculto por detrás de un discurso de crítica al Humanismo. Los discursos dominantes realimentan la actitud provisional y fatalista, fertilizan el campo del absolutismo mercadológico y producen individuos fascinados solamente por migajas y quincallerías tecnológicas. El desenraizamiento cultural crea las precondiciones para una gravísima crisis de valores de la cual ostenta concepciones marcadas por el relativismo ético. En ese análisis crítico, intenté evidenciar que el discurso de reacción al mecanicismo, frecuentemente, es de fuerte contenido irracionalista y tributario del sentimiento de extrañamiento y de nostalgia de las certezas instintivas de la pura interioridad del hombre. Ese hombre víctima un titánico juego de fuerzas, debe luchar para preservar su libertad personal e integridad psíquica. No obstante, no es necesariamente por el destino fáustico o por el ocaso de la civilización que el hombre está hechizado, existe siempre la posibilidad de trazar un camino seguro para la comprensión del fenómeno humano a través de una actitud que se contraponga, en el campo de la Bioética, a esa tendencia devastadora de vacío ontológico del hombre.

ABSTRACT

Bioethics in light of the irrationalism of post-modernity

This essay on philosophical anthropology attempts to analyze the contemporary hegemonic discourse, which is frequently impregnated with nihilism, hidden behind a discourse that is critical of Humanism. The predominant speeches fuel the temporary and fatalist attitude, fertilize the field of marketing absolutism and produce individuals who are only fascinated by technological gadgets and trifles. This cultural uprooting creates the preconditions for an extremely serious crisis of values from which proliferate ideas marked by ethical relativism. In this critical analysis, I tried to show that the discourse of reaction to the mechanistic view of things, most of the time, is of strong irrational content and the outcome of a feeling of strangeness and nostalgia regarding the instinctive certainties of man's pure interior. This man, a victim of a colossal tug-of-war, must fight to preserve his personal freedom and psychic integrity. He isn't, however, necessarily predestined to a Faustian fate or to a decline of the civilization to which the man is fated. There's always the possibility of treading a safe path towards an understanding of the human phenomenon through an attitude that opposes, in the field of Bioethics, this devastating trend of the ontological emptiness of man.

REFERÊNCIAS

1. *Termo típico teilhardiano, Tenteio designa uma multiplicidade de tentativas em diversas e quaisquer direções. Embora correspondendo ao nível estatístico, os tenteios são auxiliares da finalidade, no sentido de que os êxitos, as tentativas bem-sucedidas, caem no campo de atração da causa final.* (Chardin T de. *O fenômeno humano*. São Paulo: Cultrix, 1999: 119-120, 144)
2. *Os críticos do mecanicismo, cada vez mais numerosos e ardorosos, denunciam a progressiva despersonalização e desumanização do homem pela máquina, como nas palavras do romancista francês George Bernanos: "Cedo ou tarde a história dirá, se naquele tempo existir ainda um ser pensante para escrever a história, que a máquina transformou não tanto o planeta quanto o dono do planeta. O homem fez a máquina e a máquina tornou-se homem, por uma espécie de inversão diabólica dos mistérios da Encarnação. Vejo construir-se um mundo, do qual, ai de mim, não é exagero afirmar que o homem não pode viver nele; nele poderá viver, mas na condição que seja sempre menos homem".* (Citado por Mondin B. *O homem, quem é ele?* São Paulo: Paulinas, 1980: 204)
3. *Vale aqui citar Eliade: "A imagem da terra como organismo vivo e mãe nutriente serviu como restrição cultural, limitando as ações dos seres humanos. Não se mata facilmente uma mãe, perfurando suas entranhas em busca de ouro ou mutilando seu corpo... Enquanto a terra fosse considerada viva e sensível, seria uma violação do comportamento ético humano levar a efeito atos destrutivos contra ela".* Possivelmente, para essa afirmação esse autor tenha se inspirado no profeta Smohalla, da tribo Unatilla, o qual recusava-se a trabalhar a terra e assim justificava: "É um pecado ferir ou cortar, rasgar ou arranhar nossa mãe comum com trabalhos agrícolas. Vós pedis-me que trabalhe o solo? Iria eu pegar uma faca e cravá-la no seio de minha mãe? Mas então, quando eu já estiver morto, ela não me acolherá mais em seu seio. Pedis-me que cave ou desenterre pedras? Iria eu mutilar-lhe as carnes a fim de chegar a seus ossos? Mas então já não poderei entrar em seu corpo para nascer de novo. Pedis-me que corte a erva e o feno, e que venda, e que enriqueça como os brancos? Mas como ousaria eu cortar a cabeleira de minha mãe?". (Eliade, M. *O sagrado e o profano: a essência das religiões*. São Paulo: Martins Fontes, 1996: 116)
4. *"A noite passada escutei uma das minhas peças favoritas da música barroca em seu período inicial... Entristeceu-me porque me lembrou o mar, o mar que deu origem aos seres humanos, que trazemos em nós, em nossas próprias células. Entristeceu-me porque me lembrou que no meu século nada está totalmente livre da mancha de nossa arrogância. Conspurcamos tudo, muitas coisas para sempre, até as mais remotas selvas da Amazônia e o ar acima das nossas montanhas, até o mar eterno que nos deu origem."* (Ehrenfeld D. *Arrogância do humanismo*. Rio de Janeiro: Campus, 1992: 210)
5. *Essa problemática é magistralmente colocada por Paolo Rossi: "A crítica à identificação entre razão e racionalidade tecnológica não só cedeu a*

um processo contra os usos da razão, como também muitas vezes resultou num processo contra a razão." Prossegue o autor: "Ao cabo dessa espécie de "processo contra Galileu" que caracteriza boa parte da cultura do século XX, encontramos-nos diante de aventuras intelectuais já vividas pela cultura européia: o arcaísmo, o primitivismo, o narcisismo ético, a invocação de uma nova barbárie, a teorização da Recusa como valor supremo e o culto da Ação pela Ação. Tal como ocorreu outras vezes, os magos, alquimistas, xamãs, Jakob Böhme e Paracelso passaram a ocupar o lugar de Bacon, Galileu e Diderot, tornaram-se os novos "heróis do pensamento" e os símbolos da modernidade". (Rossi P. *Os filósofos e as máquinas*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989: 12-13)

6. Vale aqui citar Herber Marcuse: "A sociedade opulenta esconde o inferno dentro e fora de seus confins; além disso ela difunde uma produtividade repressiva e falsas necessidades... obsolescência planejada, gozando da liberdade de não usar o cérebro, trabalhando com e pelos meios de destruição...". (Citado por Mondin B. *Op.cit.* 1980:201)

7. Recentemente e logo após a sua posse nos EUA, George W. Bush declarou sua rejeição ao Protocolo de Kyoto, que determina limites para a emissão de CO₂ na atmosfera, fenômeno responsável pelo aquecimento da atmosfera do planeta.

8. Vale aqui citar parte da resenha de contra-capla da obra de Viviane Forrester, "O horror econômico", de autoria do escritor e jornalista Carlos Heitor Cony: "Depois da exploração do homem pelo homem em nome do capital, o neoliberalismo e seu braço operacional, que é a globalização,

criaram, mantêm e ampliam, em nome da sacralidade do mercado, a exclusão de grande parte do gênero humano. O próximo passo será a eliminação? Caminhamos para um holocausto universal, quando a economia modernizada terá repugnância em custear a sobrevivência de quatro quintos da população mundial? Depois de explorados e excluídos, bilhões de seres humanos, considerados supérfluos, devem ser exterminados? O raciocínio é bem mais do que uma hipótese. É um desdobramento lógico do horror econômico fabricado no laboratório dos economistas neste final de século. Horror – este sim – globalizado pelos governos que buscam resultados contábeis e condenam a ação social como jurássica". (Forrester V. *O horror econômico*. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1997)

9. Não deixa de ser curioso que esses pensadores gurificados por uma geração tributária dos movimentos da contra-cultura, onde o feminismo apresenta papel marcante, empreendam uma cruzada quase "religiosa" de revitalização de Espinosa: "Assim, Espinosa é o Cristo dos filósofos, e os maiores filósofos não mais são do que apóstolos, que se afastam ou se aproximam deste mistério. Espinosa, o tornar-se filósofo infinito. Ele mostrou, erigiu, pensou o "melhor" plano de imanência, isto é, o mais puro, aquele que não se dá ao transcendente, nem propicia o transcendente, aquele que inspira menos ilusões, maus sentimentos e percepções errôneas..." (Deleuze G, Guattari F. *O que é a filosofia*. São Paulo: Ed. 34 Literatura, 1992: 79). E ao mesmo tempo deixam de citar Espinosa em "Tratado político", que no capítulo XI assim se refere ao papel das mulheres: "Perguntarão, talvez, se as mulheres estão por natureza, ou por

instituição, sob a autoridade dos homens? Se é por instituição, nenhuma razão nos obrigaria a excluir as mulheres do governo. Se, todavia, apelamos para a experiência, veremos que isto provém da sua fraqueza...". Prossegue: "Se as mulheres fossem, por natureza, iguais aos homens, se tivessem no mesmo grau a força de alma e as qualidades de espírito que são, na espécie humana, os elementos do poder e, conseqüentemente, do direito, certamente, entre tantas nações diferentes, não se poderia deixar de encontrar umas em que os dois sexos reinassem igualmente, e outras em que os homens seriam governados pelas mulheres e receberiam uma educação própria para restringir as suas qualidades de espírito. (De Espinosa B. Ética, Tratado político. São Paulo: Abril Cultural, 1973:372 - Coleção Os Pensadores)

10. *O Cibionta é uma metáfora de um modelo hipotético criado por Leon de Rosnay, imaginando a próxima etapa da evolução humana planetária, um verdadeiro organismo planetário híbrido: biológico, mecânico e eletrônico incluindo em um único ser vivo, a natureza, a cultura e a sociedade (Rosnay J. O homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio. Petrópolis: Vozes, 1997). Quanto à ideologia e não apenas uma utopia sobre a saúde perfeita, vale ler o sociólogo francês Lucien Sfez, professor da Universidade de Paris I, especialista na análise das tecnologias de comunicação, dedicou os últimos cinco anos de sua vida ao estudo de uma nova obsessão humana: a utopia da saúde e do corpo perfeitos. Refere-se à utopia de criar um novo homem, próximo ao conceito do super-homem de Nietzsche. Ver do autor Sfez L. A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia. São Paulo: Loyola, 1996.*

11. *Hegel, acerca do desenvolvimento do indivíduo e da história, se refere a três momentos: o estado "físico" de dominação do homem pela natureza, o estado "estético" de sua emancipação da natureza e o estado "moral" de domínio do homem sobre a natureza. (Inwood M. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Zahar, 1997: 143). Nesse ponto, vale também citar o filósofo Lima Vaz: "A pós-modernidade proclama, pois, a dissolução, por obra das ciências humanas, do objeto-homem, tendo sido entendido como um dos seus sinais precursores o anúncio da "morte do homem". Continua o autor: "O que resta da idéia do homem são fragmentos de discurso ou microunidades narrativas disseminadas num campo de linguagem de onde desapareceram as grandes linguagens do sentido". Prossegue: "A pessoa, cujos traços se desvanecem no horizonte da pós-modernidade, só poderá tê-los reconstituídos se, diante do homem do terceiro milênio, o campo dessa tensão voltar a ser um campo de experiências vitalmente decisivas para o seu existir histórico. Quando, em suma, a lógica do imanentismo absoluto cumprir o seu ciclo e deixar de ser o "espírito (geist) da civilização do Ocidente". (Lima Vaz HC. Antropologia filosófica II. São Paulo: Loyola, 1992: 221-3)*

12. *Emmanuel Mounier, em um pequeno volume intitulado "O personalismo", condensou o conceito de pessoa aqui considerado: 1- Possui uma estrutura psicofísica, "existência incorporada", "existência encarnada"; 2- Transcendência da pessoa em relação à natureza; 3- Abertura em direção aos outros e em direção ao mundo pela comunicação; 4- Dinamismo: "A vida da pessoa é a busca até a morte de uma unidade pressentida cobijada e que não se realiza nunca"; 5- Vocação: "Cada pessoa*

tem um significado tal que não pode ser substituída no lugar que ocupa no universo das pessoas". 6-Liberdade: no entanto, "não é ligada indissolúvelmente ao ser pessoal como uma condenação (Sartre), mas lhe é proposta como um dom: ele pode aceitá-la ou rejeitá-la". (Mounier E. *O personalismo*. Lisboa: Martins Fontes, 1976: 39-109)

13. *A título de exemplo, a polêmica sobre a eutanásia é a que melhor desenha as tendências tributárias da visão de ser humano hegemônica em nossos tempos. Em artigo publicado na revista Ars Cvrandi, Zaidhalt mostra o perfil dos profissionais que defendem a eutanásia: sexo feminino, jovem, menos tempo de exercício profissional, protestante, tendência em ver a morte como o início de uma nova vida, politicamente liberal, defensor da autonomia total da pessoa, boa formação sobre a morte, atração por desafios profissionais, satisfação com o trabalho, experiência com pacientes terminais, boa aceitação das mudanças tecnológicas, não-santificação da morte e origem ou formação ocidental. O mesmo autor cita também Garcia Pintos que em sua monografia "El respecto a la vida" ressalta que: (...) o homicida eutanásico não tem por móvel a piedade ou a compaixão, mas o propósito de evitar, mais do que as dores do enfermo, a sua própria dor, provocada pelo espetáculo do sofrimento alheio, tudo em decorrência de uma reação de psiquismo inferior, espécie de hiperestesia psicorgânica de ordem puramente neurovegetativa, capaz de fazer matar. (Zaidhalt S. *Tanatologia*. Ars Cvrandi 1997 abr; 30:34-51)*

14. *Sobre o destino do homem, Henri Bergson assim se refere: "O homem não se erguerá sobre a terra se um equipamento potente não lhe fornecer uma base de lançamento. Deve-se especar contra a matéria se quer destacar-se da terra. Em outras palavras, a mística pede a mecânica. Esqueceu-se de notá-lo porque a mecânica acidentalmente se lançou sobre uma outra estrada em cujo término está um bem-estar exagerado, o luxo para poucos privilegiados antes que a liberação para todos... Não só a mística exige a mecânica. É necessário, também, adicionar que o corpo desenvolvido exige a alma e a mecânica exige a mística. As origens da mecânica são provavelmente mais místicas do que se crê; ela não achará a sua verdadeira direção, não prestará serviços proporcionais à sua potência senão quando a humanidade, que foi até agora por ela desviada em direção à terra, conseguir por meio dela endireitar-se e olhar o céu". (Citado por Mondin B. *Op. cit.* 1980: 227)*

15. *"(...) o antigo deve ser pensado em função do novo", a respeito do destino do pensamento humano: "(...) o interesse pela vida é suplantado pelo interesse pelo espírito. E, para julgar sobre o valor, vê-se aparecer com nitidez uma utilidade para o espírito, espiritualmente bem dinâmica, ao passo que a utilidade para a vida é especialmente estática. O que serve à vida imobiliza-a. O que serve ao espírito põe-no em movimento". (Bachelard G. *A formação do espírito científico*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966: 308)*

BIBLIOGRAFIA

- Bachelard G. A formação do espírito científico. Rio de Janeiro: Contraponto, 1966.*
- Capra F. O ponto de mutação. São Paulo: Cultrix, 1982.*
- Chardin T de. O fenômeno humano. São Paulo: Cultrix, 1999.*
- De Espinosa B. Ética, tratado político. São Paulo: Abril Cultural, 1973. (Coleção Os Pensadores)*
- Deleuze G, Guattari F. O que é a filosofia? São Paulo: Ed. 34 Literatura, 1992.*
- Ehrenfeld D. Arrogância do humanismo. Rio de Janeiro: Editora Campus, 1992.*
- Eliade M. O sagrado e o profano: a essência das religiões. São Paulo: Martins Fontes, 1996.*
- Forrester V. O horror econômico. São Paulo: Ed. Universidade Estadual Paulista, 1997.*
- Inwood M. Dicionário Hegel. Rio de Janeiro: Zahar, 1997.*
- Jaspers K. Introdução ao pensamento filosófico. São Paulo: Cultrix, 1999.*
- Leopoldo e Silva F. Bergson: intuição e discurso filosófico. São Paulo: Loyola, 1994.*
- Lévi-Strauss C. Antropologia estrutural. Milão: Mandadori, 1966.*
- Lima Vaz HC. Antropologia filosófica II. São Paulo: Loyola, 1992.*
- Mondin B. O homem, quem é ele? elementos de antropologia filosófica. São Paulo: Paulinas, 1980.*
- Monod J. O acaso e a necessidade. 4ª ed. Petrópolis: Vozes, 1976.*
- Mounier E. O personalismo. Lisboa: Martins Fontes, 1976.*
- Nietzsche F. São Paulo: Abril Cultural, 1999. (Coleção Os Pensadores)*
- Rosnay, J. O Homem simbiótico: perspectivas para o terceiro milênio. Petrópolis: Vozes, 1997.*
- Rossi P. Os filósofos e as máquinas. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.*
- Sfez L. A saúde perfeita: crítica de uma nova utopia. São Paulo: Loyola, 1996.*
- Zaidhaft S. Tanatologia. Ars Cœrandi 1997;30:34-51.*



ENDEREÇO PARA CORRESPONDÊNCIA

Rua Dr. José Pinto de Moura, 157

CEP: 13070-210

Campinas/SP - Brasil

E-mail: enidioilario@uol.com.br